



EDUARDO RAMOS ALVES

Atividades Aquáticas na Educação Física Escolar:
Conteúdo e Noções Básicas de Segurança na Perspectiva do Aluno.

Bauru
2023

EDUARDO RAMOS ALVES

Atividades Aquáticas na Educação Física Escolar:
Conteúdo e Noções Básicas de Segurança na Perspectiva do Aluno.

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de
Bauru - Curso de Licenciatura em Educação
Física.

Bauru
2023

*Dedico este trabalho à minha querida mãe.
(in memoriam)*

AGRADECIMENTO

Primeiro a Deus pela oportunidade do conhecimento

Ao meu orientador pelos conhecimentos transmitidos com excelência e profissionalismo

A minha família, meu suporte e combustível para prosseguir

Aos colaboradores pelo apoio

Aos amigos pelo carinho

Sumário

RESUMO	6
1 - INTRODUÇÃO.....	8
2 - OBJETIVOS.....	10
3 - ATIVIDADES AQUÁTICAS NA ESCOLA.....	10
4- SEGURANÇA EM ATIVIDADES AQUÁTICAS.....	12
5 - METODOLOGIA.....	13
6 - ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	15
8- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
9 – REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO:

A natação é um esporte individual que deveria estar entre os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar, a partir dos anos finais do Ensino Fundamental. Porém, é sabido que para tanto é necessário infraestrutura adequada o que na maioria das escolas não existe e, portanto, não se desenvolve o conteúdo. Apesar de ser uma atividade que as crianças desejam participar, ela necessita de ser aprendida, visto que, há relatos na sociedade de inúmeros casos de afogamento. Projetos que possibilitem aos escolares vivenciarem atividades aquáticas são fundamentais para minimizar a deficiência do espaço escolar e, em especial, buscar evitar que escolares se coloquem em risco no contato com o meio líquido. O objetivo deste estudo foi analisar a inclusão de aulas de natação no planejamento da disciplina Educação Física Escolar, realizadas no projeto do Núcleo de Ensino (NE) na piscina da praça de esportes da Unesp/Bauru, nos anos finais do Ensino Fundamental a partir da visão dos escolares. Foi aplicado um questionário com 73 escolares de uma escola estadual da cidade de Bauru-SP matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental. Sendo 42 vinculados ao projeto núcleo de ensino desenvolvido no departamento de educação física na Unesp-Bauru e 31 não participantes. A partir do questionário, obtivemos as seguintes respostas: a) mais de 50% dos alunos afirmaram saberem nadar; porém esse aprendizado foi adquirido com pessoas sem o preparo adequado; b) em relação a importância de haver um programa de estudos sobre atividades aquáticas nas escolas 95% dos alunos acreditam ser importante, e principalmente 90% dos alunos participantes do Núcleo de Ensino desenvolvido e realizado na piscina da Unesp avaliam sua participação como boa ou ótima e que gostariam de retornar em outras oportunidades. Concluímos que, para os alunos aderir às atividades aquáticas no contexto escolar é algo extremamente positivo; que as adversidades encontradas pela falta de estrutura dificultam a vivência das atividades; portanto, mediante a parceria com o projeto da universidade e o fomento de novas parcerias públicas ou privadas as atividades aquáticas podem chegar a mais escolares.

ABSTRACT

Swimming is an individual sport that should be among the content to be developed in School Physical Education classes, starting in the final years of Elementary School. However, it is known that to do so requires adequate infrastructure, which in most schools does not exist and, therefore, the content is not developed. Despite being an activity that children want to participate in, it needs to be learned, as there are reports in society of countless cases of drowning. Projects that enable students to experience water activities are essential to minimize the deficiency of school space and, in particular, seek to prevent students from putting themselves at risk through contact with liquids. The objective of this study was to analyze the inclusion of swimming classes in the planning of the School Physical Education discipline, carried out in the Teaching Center (NE) project in the swimming pool of the Unesp/Bauru sports square, in the final years of Elementary School from view of schoolchildren. A questionnaire was applied to 73 students from a state school in the city of Bauru-SP enrolled in the final years of Elementary School. 42 were linked to the core teaching project developed in the physical education department at Unesp-Bauru and 31 were non-participants. From the questionnaire, we obtained the following answers: a) more than 50% of students said they knew how to swim; however, this learning was acquired from people without adequate preparation; b) in relation to the importance of having a study program on aquatic activities in schools, 95% of students believe it is important, and mainly 90% of students participating in the Teaching Center developed and held at the Unesp swimming pool rate their participation as good or excellent and that they would like to return on other occasions. We conclude that, for students, joining aquatic activities in the school context is extremely positive; that the adversities encountered due to the lack of structure make it difficult to experience activities; therefore, through partnership with the university project and the promotion of new public or private partnerships, aquatic activities can reach more students.

1. Introdução

“Para solucionar um problema, devemos primeiro vê-lo, admiti-lo e conhecê-lo” Szpilman; Palácios (2017)

Muitos são os desafios e dificuldades que os professores de Educação Física percorrem no seu dia a dia nas escolas no árduo ofício de levar conhecimento aos estudantes da rede pública estadual e municipal. Entre eles, como manter um ensino de qualidade, atrativo ao estudante.

Massambani (2020) identificou alunos desmotivados e propôs em sua prática profissional modificar o ambiente do desenvolvimento das aulas levando os alunos a explorarem espaços próximos da escola desenvolvendo atividades que o ambiente escolar não possibilita. Entre elas: o futebol de campo, equipamentos de ginástica em praças públicas e a piscina. A autora coloca a importância destas vivências pelos escolares em destaque a realização de movimentos dentro do ambiente aquático.

A natação e as atividades aquáticas são muito estimuladas em nossa sociedade. Por prazer, necessidade, esporte, saúde ou mesmo por receio de algum acidente com seus filhos os pais os colocam em escolas particulares de natação (CATTEAU; GAROFF,1990).

Apesar de termos esportes individuais no rol de conteúdo a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) nos anos finais do Ensino Fundamental, incluindo a natação (BRASIL, 1997), não temos as condições de estruturas físicas na maioria das escolas públicas e particulares para o desenvolvimento das atividades aquáticas (VALENÇA, 2016). Segundo Valença (2016), mesmo nas escolas que oferecem aulas de natação extracurricular paga, a maioria dos alunos não aderem devido ao custo. Assim, é um conteúdo difícil de encontrarmos no dia a dia da Educação Física Escolar.

É notório, que inúmeras variáveis dificultam o trabalho do professor de Educação Física no contexto escolar, entre elas: carga horária reduzida para desenvolver todos os conteúdos previstos, falta de material e estrutura por vezes deixadas em segundo plano e até consideradas menos importantes (GONZALEZ, 2020).

No estudo de Vitorino (2023) a autora discorreu sobre a falta de estrutura física para as aulas de Educação Física Escolar, com o tema "minha escola não tem quadra", e demonstrou o quanto a falta de estrutura influencia o atingir os

objetivos da EFE. Este aspecto torna-se ainda mais evidente quando focamos na falta de infraestrutura para as aulas de natação na escola.

Levantamento realizado junto à Secretaria de Educação da Cidade de Bauru/SP constatou que nenhuma escola Estadual ou Municipal possui tal estrutura. De acordo com Pinto (2016) as atividades aquáticas apresentam significativa importância para os professores, contudo, a maioria das escolas não as incluem como conteúdo, devido principalmente a questões financeiras, porém, a inclusão de uma aula diversificada poderia ser possível por meio da dimensão conceitual.

A realidade da falta de vivência e discussão do conteúdo natação no sistema escolar caminha em paralelo a uma situação gritante na sociedade que é o número de afogamentos que surgem nos noticiários diariamente.

Segundo a Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – SOBRASA (2023), 16 brasileiros morrem afogados por dia. Santana (2003), mencionam que, quando o aluno está aprendendo a nadar, juntamente, deve-se atribuir esclarecimentos para a prevenção de afogamentos e demonstrar técnicas de sobrevivência.

Para as Nações Unidas e Organização Mundial de Saúde 4 fatores colaboram para a redução de afogamentos SOBRASA (2023):

- 1º “Fortalecer a educação ao público através da comunicação”;
- 2º “Promover colaboração multissetorial”;
- 3º “Desenvolver um Plano Estratégico Brasileiro de Segurança aquática”;
- 4º “Prevenção elaborada através de coleta de dados e estudos científicos”.

Tais fatores corroboram com a intenção deste trabalho partindo destes dados relevantes: Como apresentar e ensinar conceitos de Segurança em Atividades Aquáticas para os alunos? Como transmitir conceitos básicos, introduzir noções de movimentos, ações e reações do meio líquido? Até onde se pode chegar? São essas questões que o presente estudo procurará discutir.

Neste sentido, visando estudar este contexto participei do Projeto Núcleo de Ensino durante o ano de 2023 que objetivou levar vivências de atividades aquáticas e atletismo para escolas de ensino fundamental. Dois conteúdos que necessitam de espaços específicos para o desenvolvimento das atividades, em especial, as atividades aquáticas. O projeto atendeu escolares pertencentes às escolas de periferias e tivemos a intenção de entender o que estes participantes conheciam sobre as atividades aquáticas e como avaliaram a sua vivência.

2. Objetivo:

Analisar a inclusão de aulas de natação no planejamento da disciplina Educação Física Escolar em uma escola estadual do município de Bauru, realizadas no projeto do Núcleo de Ensino (NE) na piscina da praça de esportes da Unesp/Bauru, nos anos finais do Ensino Fundamental a partir da visão dos escolares.

3. Atividades Aquáticas na Escola:

Durante a evolução das atividades aquáticas ao longo do tempo muito se desenvolveu, Silva (1987) relata que há cerca de cinco mil anos, na Índia, já existiam piscinas de água quente, nas quais figuras assírias de baixo relevo mostravam estilos rudimentares de natação. Projetos de aprendizagem foram se formando por meio de experimentação de atividades motoras, execuções e repetições de movimentos padronizados que levaram ao aprendizado do “quarteto fantástico” da natação, crawl, costas, peito e borboleta, que hoje são os pilares do ensino da natação. Estas atividades não se resumem em si, mas como professores devemos sempre buscar o próximo passo, ir além das quatro bordas das piscinas, procurando proporcionar aos alunos novas formas de aprendizado.

É de suma importância entender o aluno, entender como ele se relaciona com o meio em que está inserido, de entender como o seu conhecimento pode ser ampliado, otimizado e estimulado para que possa sempre buscar o seu desenvolvimento. Nesse contexto as atividades aquáticas vão além de somente aprender para treinar, devido à pluralidade de atividades que podem ser relacionadas ao meio líquido como lazer, relaxamento, fisioterapia, recreacional, dentre outros.

O meio líquido se mostrou um grande interesse, não apenas para subsistência e treinamento, fazendo sua prática ser uma das que promovem muitos benefícios ao corpo humano quando relacionado ao desenvolvimento cardiovascular e respiratório, ao melhor desenvolvimento motor geral, ao condicionamento físico, autoconfiança, preservação da vida humana no meio líquido, recuperação e reabilitação de deficientes físicos e pós-operatórios e entre outros (MANSOLDO, 1986).

Atividades aquáticas podem proporcionar uma interação maior que uma simples modalidade esportiva, Santos e Lima (2006), mostram que o desenvolvimento educacional da natação, por meio das aulas de natação,

acarretou melhorias na socialização entre alunos e professores. O fato da natação como atividade coletiva e prazerosa para qualquer idade, proporcionou para as crianças conhecer e se aproximar dos adultos, ampliando a relação afetivo-social.

Mesmo havendo barreiras para o ensino-aprendizado de atividades aquáticas nas escolas, informações e orientações básicas e importantes não podem deixar de ser transmitidas aos estudantes. O aluno deve receber ao menos orientações teóricas básicas de segurança no meio líquido, para estimular o aluno a criar uma concepção crítica daquilo que utilizará quando da vivência de atividades na água. Segundo Pinto (2016) a inclusão de uma aula diversificada poderia ser possível por meio da dimensão conceitual.

Tavares (2016) analisando a natação dentro da Educação Física no contexto escolar, verificou que é uma das modalidades de maior dificuldade de abordagem. O que se deve, principalmente, à ausência de espaços próprios para o ensino e prática. Capacitar os alunos para competências no meio líquido significa, na maioria dos casos, requer deslocamentos até piscinas municipais ou até mesmo privadas, situadas em localidades de difícil acesso. Portanto, projetos da Universidade em parceria com as Escolas são fundamentais para possibilitar a vivência dos alunos, em especial, para adaptação ao meio líquido visando noções básicas de segurança e sobrevivência aquática.

No estudo de Hingst e Alvarez (2014) compararam-se quarenta crianças de ambos os sexos, sendo 20 crianças praticantes de natação em uma academia e 20 crianças não praticantes de natação moradoras nas imediações da academia. Os resultados obtidos mostraram que os níveis de coordenação motora encontrados no presente estudo apontam que as crianças praticantes de natação, independentemente da idade e sexo, encontram-se com índices de coordenação motora significativamente superiores ao grupo de crianças não praticantes, o estímulo no momento apropriado proporciona o desenvolvimento que o aluno carregará para sua vida.

Santana *et al.* (2003), o descreve como um momento de “alfabetização aquática” cujo objetivo é “proporcionar vivências motoras que tenham como consequência a técnica de sobrevivência total em meio líquido”. Se Santana *et al.* (2003) fazem uso desta descrição para definir a adaptação ao meio líquido, é porque veem nela uma grande importância para basear todos os outros elementos da natação, sendo o maior deles o de proporcionar aos seres humanos entrar em contato com a água e locomover - se com segurança.

Para Burkhardt e Escobar (1985), Freudenheim, Gama e Carracedo (2003) e Schmidt (1995) o ensino da natação nos primeiros anos de vida deve priorizar a adaptação total ao meio líquido a partir da percepção da ação da água sobre o corpo, da ação da mesma em diferentes posições e posturas enfatizando o controle respiratório e ações motoras que possibilitem o entrar e sair com segurança da água, com ou sem o auxílio de materiais e em espaços e profundidades diferenciadas.

4. Segurança em atividades aquáticas:

De acordo com Palmer (1990), as formas de ensino dependem também do professor, pois é ele quem ministra as aulas. Portanto, para que ocorra um bom aprendizado é necessário controle sobre o ambiente e sobre seus comandados, desenvoltura para que tudo ocorra dentro do planejado. Sendo assim, todas as formas de ensino dependem de um conjunto de fatores internos e externos.

A presença de alguém com conhecimento proporciona a sensação de segurança para o desenvolvimento da atividade, enquanto outro fator recorrente é a utilização de aparatos de segurança, como bóias e coletes salva vidas. Segundo Catteau e Garoff (1990) o objetivo primário em qualquer projeto de natação é promover a locomoção com segurança. Palmer (1990) define que nadar seria resolver o triplo problema em qualquer eventualidade: melhor respiração, melhor flutuação e melhor locomoção.

Em linhas gerais é muito importante que os alunos se preocupem com aspectos de segurança, porém segundo os profissionais que atuam com atividades aquáticas para crianças a utilização de equipamentos como boias e coletes salva vidas podem trazer uma falsa sensação de segurança além de potencializar situação de acidentes (PALMER, 1990). Desta forma, seria mais eficiente o ensino e vivência de conceitos básicos de mobilidade no meio líquido, proporcionando maior autonomia ao praticante.

Segundo Lima (2006) “busca-se, desde a mais tenra idade, dar condições para que os pequeninos também possam aproveitar-se dos benefícios das atividades aquáticas e aprender as primeiras lições de auto salvamento.

Segundo Carvalho (1994), quando um indivíduo inicia o seu processo de adaptação ao meio aquático, ocorre um conjunto de transformações ao nível das referências dos órgãos dos sentidos (equilíbrio, visão, audição e proprioceptivos) e ao nível de todas as referências que normalmente existem em terra (fora de água).

De acordo com Cabral, Cristianini e Souza (1995) antes da iniciação da aprendizagem das técnicas dos nados, é necessário que haja uma adaptação ao meio líquido, que tem por objetivo principal impedir o “trauma por água”. Em seguida outro fator importante é a colocação do aluno na água devendo ser de forma sequencial minimizando qualquer possibilidade de acidente com os alunos no meio líquido deve se pontuar quais suas experiências e expectativas, conhecer quem necessita de atenção especial para a realização das atividades iniciais que consistem em perceber o meio em que se encontra, como as ações e reações são percebidas, seguido de movimentos moderados migrando gradativamente para os mais complexos.

Como nos coloca Freudenheim, Gama e Carracedo (2003) o processo pedagógico do ensino da natação deve seguir a mesma ordem que encontramos no desenvolvimento humano, ou seja, dos movimentos simples para os mais complexos, onde os movimentos básicos fundamentais devem ser privilegiados no início do processo de aprendizagem. Destarte pequenos deslocamentos são iniciados seguidos de submersão na água, controle da respiração dentre outros. Em resumo, para os mais complexos como, por exemplo, tirar os pés do fundo da piscina ou assumir uma posição dorsal ou ventral no meio líquido.

Na pesquisa de Pinto (2016), por meio das informações obtidas, foi possível refletir sobre as atividades aquáticas como uma proposta de aula diversificada, na qual, os alunos poderão adquirir conhecimentos e experiências distintas das quais estão acostumados a ter, como a prevenção de afogamentos e experiências por meio de práticas aquáticas que poderão auxiliar no desenvolvimento das capacidades físicas dos alunos.

Fundamentamos em Tavares (2016), concluímos que a natação é um conteúdo com boa aceitação pelos alunos, corpo docente e direção da escola, possibilitando a realização das aulas de natação vinculadas com as aulas de Educação Física Escolar nesta instituição neste último ano, explorando novas experiências motoras, visando o desenvolvimento corporal, o ensino de uma nova modalidade individual e noções de adaptação e sobrevivência no meio líquido.

5. Metodologia:

5.1 – Tipo de Pesquisa

O estudo foi desenvolvido por meio de dados qualitativos e quantitativos, apresentando a realidade vivenciada na escola pesquisada.

Segundo Dias (1999), a pesquisa de caráter qualitativo se caracteriza, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo.

Segundo Manzato e Santos (2012), os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc. de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada. Isto não quer dizer que ela não possa ter indicadores qualitativos.

5.2 – Participantes

O estudo foi desenvolvido por meio de aplicação de questionário com perguntas abertas onde foram obtidas 73 respostas dos alunos da Escola Estadual Dr. Carlos Chagas do município de Bauru/SP. Dentre os 73 respondentes:

a) 42 foram alunos que participaram das atividades aquáticas do Núcleo de Ensino, desenvolvidas na piscina da Unesp sob a coordenação do Professor Milton Vieira do Prado Junior e alunos do Curso de Educação Física da Unesp de Bauru.

b) 31 foram alunos que não participaram das atividades do Núcleo de Ensino, o que possibilitou uma análise daqueles que não vivenciaram as aulas.

Assim, buscamos identificar o que pensa o aluno do ensino fundamental a respeito dos temas relacionados a atividades aquática e segurança no meio líquido

5.3 – Questionário

Foi elaborado e aplicado questionário com dez questões abertas a saber;

1. *Você sabe nadar? Se sim, onde aprendeu?*
2. *Você acha a atividade aquática uma atividade perigosa?*
3. *Na sua opinião, o que é necessário para ter segurança na prática de atividades aquáticas?*
4. *Você acha importante haver um programa nas escolas que ensina noções básicas de segurança em atividades aquáticas? Por quê?*
5. *Você acha que a prática da natação ajudaria em alguma outra atividade física?*
6. *Você gostaria que na escola onde estuda tivesse uma piscina? Por quê?*

7. *Você já assistiu a alguma competição de natação? Conhece algum nadador famoso?*

8. *Você acha possível aprender a nadar assistindo a vídeos na internet estando numa piscina real, mas sem o auxílio de um professor de Educação Física?*

9. *Você acha possível aprender a nadar assistindo a vídeos na internet estando numa piscina real, mas sem o auxílio de um professor de Educação Física?*

10. *O que você achou da sua participação no projeto de atividades aquáticas da Unesp?*

5.4 – Análise dos resultados

Os dados serão analisados qualitativamente e quantitativamente a partir das respostas dos alunos. Assim, buscaremos identificar qual o impacto da vivência que fizeram durante o ano no projeto e seu conhecimento e segurança em participar de atividades aquáticas em outros contextos. Dos alunos que não participaram da mesma forma, tentamos entender qual a sua visão sobre aulas de natação na Educação física Escolar. Compararemos as respostas com o que encontramos na literatura.

6. Análise e discussão de resultados:

Foram obtidos 73 retornos às perguntas do questionário, destes 42 foram de alunos que participaram das atividades do Núcleo de Ensino e 31 foram de alunos que não participaram das atividades do Núcleo de Ensino, sendo possível fazer uma relação entre participantes e não participantes e mensurar se as atividades produzem algum tipo de transformação de pensamento ou elucidação de ideias ou dúvidas.

6.1. *Você sabe nadar? Se sim, onde aprendeu?*

Dos Alunos que participaram das atividades do Núcleo de Ensino, 67% afirmaram saber nadar e 19% afirmaram não saber nadar, 14% não definiram se sabiam ou não a nadar;

Dos alunos que não participaram das atividades do Núcleo de Ensino, 52% afirmaram saber nadar e 39% afirmaram não saber nadar, 9% não definiram se sabiam ou não a nadar;

É importante pontuar que os alunos que afirmam “saber nadar” participante do Núcleo de Ensino ou não, relataram que aprenderam com parentes em rios e

piscinas, apenas duas respostas relataram ter aprendido com professores e nenhum trouxe a informação de ter ocorrido em aulas de Educação Física, nem na própria escola ou em estabelecimentos particulares, cabendo ressaltar o relato de um aluno ter aprendido a nadar em uma lagoa perigosa da região da cidade chamada “*Lagoa da Bela Olinda*” área conhecida por vários acidentes inclusive fatais, o que vem de encontro com a proposta do estudo de Tavares (2016), voltado à difusão de informações e conscientização da necessidade de segurança em atividades aquáticas com profissional qualificado, dado importante para reafirmar a necessidade de implantação de um programa de ensino da natação frequente na escola, devido ao histórico de afogamentos em um lago nas proximidades da mesma, inclusive casos de alunos da escola, sendo que os mesmos frequentam tais locais. Portanto, desenvolver as noções básicas da adaptação ao meio líquido, conforme proposto, torna-se totalmente necessário e deveriam ser priorizadas na vida dos escolares.

6.2. Você acha a atividade aquática uma atividade perigosa?

Dos alunos participantes das atividades do Núcleo de Ensino 49% afirmaram que atividades aquáticas não são perigosas, 16% afirmaram que atividades aquáticas sim são perigosas, 35% não definiram se acham a atividade aquática perigosa.

Dos alunos não participantes das atividades do Núcleo de Ensino 68% afirmaram que as atividades aquáticas não são atividade perigosas, 13% afirmam que as atividades aquáticas são atividades perigosas, 19% não definiram se acham a atividade aquática perigosa.

Apesar da maioria em ambos os casos afirmarem que as atividades aquáticas não são atividades perigosas é necessário ressaltar que não são se algumas medidas forem tomadas previamente Santanna *et al.* (2003) relatam sobre a importância da alfabetização aquática visto que não é automática a adaptação ao meio líquido, da orientação profissional, de conhecer limites, de conhecer o ambiente aquático que vai utilizar, etc., o que a priori pode não ter sido contemplada pelo ensino de pessoas sem a devida formação. Segundo Szpilman (2005) “afogamento não é acidente, não acontece por acaso, tem prevenção, e esta é a melhor forma de tratamento”.

6.3. Na sua opinião, o que é necessário para ter segurança na prática de atividades aquáticas?

Dos alunos que participaram das atividades do Núcleo de Ensino a resposta mais recorrente se refere à necessidade de ter presente durante as atividades aquáticas a supervisão ou auxílio de um “salva Vidas” nas suas próprias palavras, o que nos remete à orientação de um profissional ampliando a visão dos alunos de que existem pessoas com conhecimento específico para esta atividade. O uso de boias e coletes salva vidas também foi outro fator relatado.

Entre os alunos que não participaram do Núcleo de Ensino a resposta mais recorrente foi a necessidade de um “adulto” confirmando a visão de que basta a supervisão de outra pessoa para a promoção de segurança durante as atividades aquáticas, o que pode ocasionar acidentes. Segundo Pinto (2016) a preocupação da Educação Física em incorporar conhecimentos e habilidades relacionadas com o corpo e o movimento para a melhora da qualidade de vida, tornou-se importante refletir sobre a inclusão das atividades aquáticas no âmbito escolar, pois elas podem contribuir para o desenvolvimento integral do aluno.

Para Figueiredo (2011), uma proposta de atividades aquáticas para crianças e adolescentes poderá tornar o aluno apto para enfrentar numerosas situações como buscar soluções para problemas; desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências; buscar a socialização e desenvolver a autonomia.

6.4. Você acha importante haver um programa nas escolas que ensina noções básicas de segurança em atividades aquáticas? Por quê?

Para os alunos que participam do Núcleo de Ensino 95% acreditam ser importante haver um programa nas escolas que ensinam noções básicas de segurança em atividades aquáticas, 5% não definiram suas respostas;

Para os alunos que não participaram do Núcleo de Ensino 87% também acreditam ser importante haver um programa nas escolas que ensinam noções básicas de segurança em atividades aquáticas, 3% não definiram suas respostas;

Quase unânimes, as respostas a esta questão nos mostra que está presente no entendimento dos alunos a necessidade de promoção e disseminação de orientações básicas nas escolas, conforme Tavares (2016) o resultado da vivência corporal dos alunos demonstrou que os objetivos do estudo foram alcançados, que é possível sim ter a natação como um conteúdo da Educação Física Escolar, desde que este faça parte de um planejamento da escola e se tenha parceria com instituições públicas e até mesmo privadas, viabilizando a utilização de um espaço apropriado para esta prática. Portanto, introduzir a prática da natação no ambiente

escolar favorece o desenvolvimento global dos escolares e cria novas oportunidades de prática corporal no decorrer de suas vidas.

6.5. Você acha que a prática da natação ajudaria em alguma outra atividade física?

Dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino 93% acreditam que atividades aquáticas ajudariam em outras atividades físicas, 7% não definiram suas respostas;

Dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino 90% acreditam que atividades aquáticas ajudariam em outras atividades físicas, 10% não definiram suas respostas;

A prática da natação relacionada com atividades aquáticas produziu nos alunos uma relação de benefício sentido em outras modalidades, como por exemplo ganho de força muscular, condicionamento cárdio respiratório etc., como nos remete os relatos a seguir,

‘Sim, no sistema respiratório...’

“Sim por que nadar ajuda na força física na minha opinião...”

“Sim, em corridas...”

Conforme Darido e Rangel (2011), às aulas diversificadas possibilitam o desenvolvimento de competências e habilidades diferentes das adquiridas quando há o envolvimento de somente uma parte da cultura corporal. Também, pode facilitar a escolha do aluno pela prática corporal com a qual mais se identifica, possibilitando o aumento de alunos participantes nas aulas de Educação Física.

6.6. Você gostaria que na escola onde estuda tivesse uma piscina? Por quê?

81% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino e 90% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino acreditam que seria interessante haver uma piscina na escola onde estudam, 19% e 10% respectivamente não definiram suas respostas. Dentre os motivos mais relevantes está a possibilidade de aprender a “nadar”, isso fortalece a ideia de que a prática segura nos projetos pode desenvolver o gosto pelo conhecimento e que a mudança no ambiente de

aprendizado estimulou o desejo pelo conhecimento, o que mais uma vez nos remete a Bronfenbrenner (1996).

6.7. Você já assistiu a alguma competição de natação? Conhece algum nadador famoso?

Apenas 18% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino relataram já ter assistido a alguma competição de natação e poucos retornaram que conhecem algum nadador famoso, o único citado foi o nadador Gustavo Borges;

74% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino relataram não terem assistido a nenhuma competição de natação;

8% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino não definiram suas respostas;

29% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino relataram ter assistido a alguma competição de natação e não conhecem nenhum nadador famoso;

67% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino relataram não ter assistido a nenhuma competição de natação;

4% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino não definiram suas respostas;

Estes estudos reforçam a ideia de que existe pouca informação a respeito de atividades aquáticas no âmbito escolar. Somente em exploração das mídias digitais, ocorrendo em períodos de competições a nível mundial como as Olimpíadas.

6.8. Você já estudou alguma matéria sobre atividades aquáticas nas aulas de Educação Física na escola onde estuda?

53% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino relataram ter estudado alguma matéria sobre atividades aquáticas e 47% relataram não ter estudado alguma matéria sobre atividades aquáticas;

19% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino relataram ter estudado alguma matéria sobre atividades aquáticas e 81% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino relataram não ter estudado alguma matéria sobre atividades aquáticas;

As atividades do Núcleo de Ensino são essenciais para o aprendizado, estimulam a curiosidade e o interesse por material relacionado ao tema, mesmo

sendo uma pequena porcentagem somente com a disseminação de conteúdos relativos às atividades aquáticas poderemos alcançar mais alunos.

6.9. Você acha possível aprender a nadar assistindo a vídeos na internet estando numa piscina real, mas sem o auxílio de um professor de Educação Física?

46% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino acreditam ser possível aprender a nadar assistindo vídeos na internet sem o auxílio de um professor de Educação Física;

41% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino acreditam não ser possível aprender a nadar assistindo vídeos na internet sem o auxílio de um professor de Educação Física;

13% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino não definiram suas respostas;

61% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino acreditam ser possível aprender a nadar assistindo vídeos na internet sem o auxílio de um professor de Educação Física;

25% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino acreditam não ser possível aprender a nadar assistindo vídeos na internet sem o auxílio de um professor de Educação Física;

14% dos alunos que não participaram do Núcleo de Ensino, não definiram se suas respostas;

Analisando as respostas é possível verificar a influência das mídias digitais no contexto de aprendizagem dos alunos, o “faça você mesmo” com algo tão específico pode causar uma sensação errônea de segurança e propiciar cenários de acidentes, lembrando, segundo Szpilman (2005) que “afogamento não é acidente, não acontece por acaso, tem prevenção, e esta é a melhor forma de tratamento “.

6.10. O que você achou da sua participação no projeto de atividades aquáticas da Unesp?

90% dos alunos que participaram do Núcleo de Ensino avaliaram que suas participações nas atividades foram interessantes e divertidas e gostariam de retornar, que o projeto traz muita informação e aprendizado, o que confirma as impressões relatadas pelos alunos no estudo realizado por Tavares (2016) “Para os alunos a ideia de sair do meio escolar e conhecer o espaço geográfico da universidade causou euforia. Mudanças de comportamento benéficas entre os

alunos foram visivelmente percebidas por toda a comunidade escolar, corroborando com a teoria de Bronfenbrenner (1996) sobre a influência do ambiente para a mudança de comportamento dos alunos, 10% não definiram sua participação no projeto.

7. Considerações finais:

É de suma importância que os estudos sobre atividades aquáticas estejam inseridos no contexto do ensino fundamental, e que orientações e informações básicas sobre segurança sejam implementadas nas escolas, em especial nas aulas de Educação Física, as porcentagens de respostas não definidas tanto dos alunos que participaram das atividades do Núcleo de Ensino, quanto dos alunos que não participaram, reforça a necessidade da disseminação do conteúdo da matéria visando a construção de uma opinião crítica.

Informações estratégicas introduzidas no momento certo produzirão efeitos benéficos para o desenvolvimento de qualquer atividade, não sendo diferente em atividades aquáticas.

Mesmo sem a presença da estrutura básica para o ensino de atividades aquáticas (piscina) o conhecimento adquirido previamente produzirá o desenvolvimento crítico.

Parcerias com universidades ou com a iniciativa privada produzem excelentes resultados, como nos remete os relatos dos alunos participantes do presente estudo. A carga motivacional que o transporte da teoria transmite para a prática fortalece e estimula o aluno aguçando seus sentidos em busca de conhecimento, visto que quase a totalidade dos alunos relatou querer retornar à atividade.

Outrossim, a transmissão de informação realizada pelos alunos que vivenciaram as atividades aos alunos que não tiveram a oportunidade despertou a curiosidade destes e os suscitou a participarem. Depende dos professores, direção de escolas, universidades e iniciativa privada a discussão e realização de parcerias para que os alunos recebam este conteúdo visando cada vez mais um ensino completo e diversificado.

Referências:

- CARVALHO, C. - Natação – contribuindo para o sucesso do ensino – aprendizagem, Edição do Autor, 1994.
- MELLO, D., RODRIGUES, L. E. - David Szpilman & diretoria Sobrasa 2018-22. Afogamento – Boletim epidemiológico no Brasil 2022. Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático SOBRASA - Publicado online em <http://www.sobrasa.org>, julho 2022. Revisado por Profa. Dra. Danielli Mello e Dra. Lúcia Eneida Rodrigues Em parceria com DOI: 10.13140/RG.2.2.18472.85768.
- DARIDO, S. C. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- Farias, M. S. - A prática corporal na disciplina natação nos cursos de formação: saber ou não saber nadar?-Rev Bras Ciênc Esporte. 2021.
- FREUDENHEIM, A.M.; GAMA, R.I.R.B.; CARRACEDO, V.A. - Fundamentos para elaboração de programa de ensino do nadar para crianças. Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes. 2(2):61-69, 2003.
- HINGST, G.; ALVAREZ, B. R. Coordenação motora de crianças praticantes e não praticantes de natação. Criciúma – SC. jul. 2014.
- MACHADO, D. S., BRITO, M, JANAINA O. - Natação em Escolas: Dificuldades e Desafios - Artigo de Revisão.
- MANSOLDO, A. C. - Estudo Comparativo da Eficiência do Aprendizado da Natação (estilo crawl) entre crianças de três a oito anos de idade. Dissertação do Título de Mestre em Educação Física pela USP. São Paulo, 1986.
- PALMER, M.L. - A Ciência do Ensino da Natação. São Paulo: Manole, 1990.
- PINTO, N. C. - ATIVIDADES AQUÁTICAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DA CIDADE DE TEUTÔNIA/RS, Teutônia/RS, 2016.
- SANTANA, V. H. *et. al.* Nadar com segurança: prevenção de afogamentos, técnicas de sobrevivência, adaptação ao meio líquido e resgate e salvamento aquático. Barueri, SP: Manole, 2003.

- SANTOS, C. DE S.; LIMA, E. DOS S. Análise sobre as influências da natação no desenvolvimento afetivo-social de alunos do 5º ano da escola CEJE no município de Boa Vista-RR. Revista ENAF Science, [S.L], v. 11, n. 1, p. 113-118, jun./2006.
- TAVARES, C. F. O. - Natação na Escola: Uma Prática ou Conteúdo? Bauru/SP - 2016.
- VALENÇA, K. C. - A inclusão da natação como conteúdo nas aulas de educação física escolar. 2016. 31 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016.
- MANZATO, A. J., Santos, A.B - A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa - Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, p. 7, 2012.